

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 161 11 DE JUNHO 1883	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	6120		<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.</p>
Posseções ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios).....	5\$000	2\$500	-6-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-6-	-6-		

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje, tenho que começar esta chronica por uma justificação e por um agradecimento.

Justificação da falta de chronica minha no ultimo numero do OCCIDENTE; agradecimento ao talentoso escriptor que á ultima hora me substituiu, o distincto actor Augusto de Mello do theatro de D. Maria II, um rapaz intelligentissimo que quiz juntar ás glorias d'artista as glorias de homem de letras, e que sob o pseudonymo de Beltrão, tem feito successo no *Diario da Manhã*

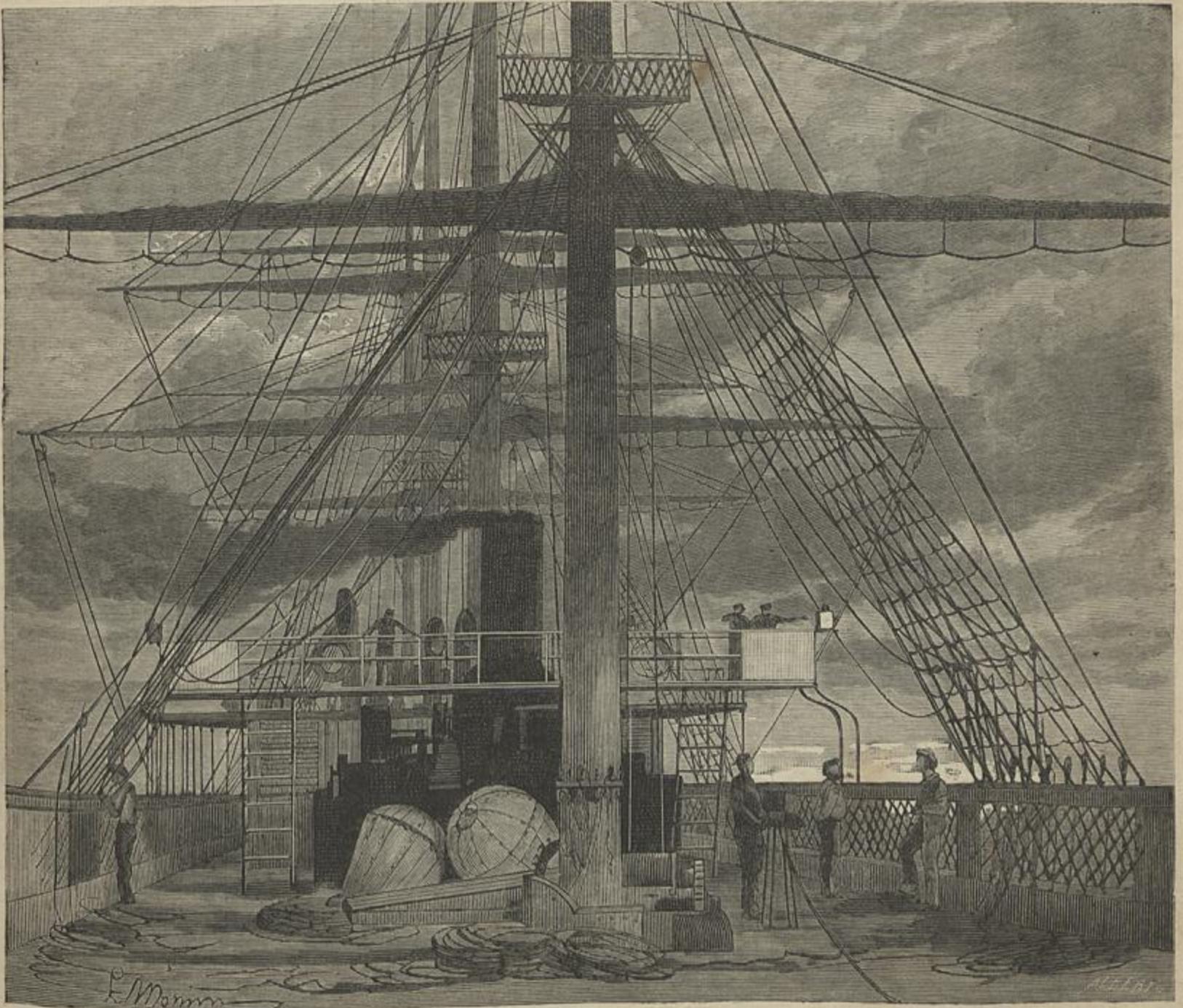
e no *Jornal do Domingo* com umas espirituosas chronicas e uns contos graciosissimos.

A justificação da minha falta é facilima de fazer: — a minha justificação será esta chronica em que tentarei esboçar rapidamente, como simples noticiarista — porque mais não permite o espaço de que disponho n'este lugar, as festas com que Madrid solemnizou a visita dos reis de Portugal e aquellas com que a bizarra e amabilissima imprensa madrilena, nos obsequiou a nós, jornalistas portuguezes.

Mais largamente, n'outro lugar do OCCIDENTE,

começo hoje a publicar sem as mais ligeiras pretenção a fazer litteratura de viagens, esse genero immortalizado por Dumas, por Gautier, por George Sand, as impressões perfeitamente pessoais recebidas n'essa rapida digressão pelas terras dos nossos visinhos; aqui, na chronica limitar-me-hei a ser um simples *reporter* das festas feitas em Hespanha em honra dos portuguezes, e mesmo como *reporter* terei de resumir avaramente as minhas informações, porque as festas foram muitas e o espaço é pouco.

Lido esse programma de festejos accumulados



THEATRO DE D. MARIA II — UM DRAMA NO FUNDO DO MAR, 2.º ACTO — Scenario de L. Manin (Desenho do mesmo actor)

em dez dias, a minha falta do numero passado estará completamente justificada, e comprehendendo-se mal como foi possível a um simples mortal, que embora possua dimensões physicas sufficientes para se dividir em dois, não tem a possibilidade real de executar essa operação, assistir a todas essas festas, comprehender-se-ha bem a impossibilidade absoluta de encontrar nos raros intervallos d'essa festa um momento para escrever uma chronica, ainda mesmo em laconico e breve estylo de telegramma.

Eis o programma d'essas duplas festas, naturalmente incompleto, porque foram ellas tantas que seria necessario uma memoria prodigiosa, que não possuimos, para não faltar alguma á mensão.

No dia da chegada de Suas Magestades jantar de familia no paço e á noite concerto intimo em que tomou parte o celebre Monasterio, e em que El-Rei de Portugal se fez applaudir como musico distinctissimo.

Depois a ordem das festas regias perde-se completamente nas nossas notas.

Parada no enorme passeio do Prado, passando as tropas em continencia, com o Rei de Hespanha á sua frente, por defronte da tribuna real, na fonte castelhana, onde estavam as Rainhas de Hespanha e de Portugal e a que assistiu El-Rei de Portugal, acavallo com o seu estado maior, ao lado da Tribuna.

Passeio a Toledo; passeio a Aranguez, banquete no paço do Oriente, corridas de cavallos no Hipodromo, recita de gala no real theatro italiano, corrida de touros, ascensão do aeronauta francez mr. Fourcade nos jardins do Prado, inauguração da exposição agricola, da exposição mineira, concerto no conservatorio, banquete na embaixada de Portugal seguido de recepção real á colonia portugueza em Madrid, festa campestre em casa d'um marquez hespanhol, baile no Paço, e outras festas decerto que n'este momento nos esquecem.

Festas aos jornalistas portuguezes:

Velada na Associação dos Jornalistas, concerto e sarau litterario: concerto em que pela primeira vez ouvimos a celebre cantora Elena Sanz e um soprano notavel que está no alvorecer da sua carreira, sarau em que Pinheiro Chagas conquistou o seu primeiro triumpho oratorio em Madrid, n'um bello eloquente improviso com que respondeu á eloquente saudação do sr. Nunes d'Arce, o ministro das colonias, presidente da Associação dos Jornalistas, e poeta dos mais eminentes da Hespanha contemporanea, em que Moura Cabral e Christovão Ayres recitaram esplendidas poesias a que responderam em prosa e verso muitos dos mais notaveis poetas e jornalistas de Madrid.

A amizade benevola d'um d'esses poetas, o sr. Emilio Ferrari, auctor dramatico illustre, e de quem nos occuparemos nas nossas impressões de Hespanha, devemos o poder publicar hoje — composta sobre o manuscrito original, a poesia que elle recitou excellentemente n'esse sarau, o primeiro encontro entre a imprensa hespanhola e portugueza.

BIENVENIDA

(A los Escritores Portugueses en su visita á España)

Bien venidos los que hermanos nuestros en raza y destino, llegais del reino vecino para estrechar nuestras manos. Si al cruzar estensos llanos que ni una linde separa, no encontrasteis cara á cara rio, valle ó cordillera que al llegar no os conveiera y al pasar no os saludara;

Si halla aquí vuestra memoria con los costumbres que os rigen, las huellas de vuestro origen los rastros de vuestra gloria; Si hazañas de nuestra historia laureles comunes son, si os dilata el corazón la brisa de amigos mares y os recibe en los altares vuestra propia religión;

Si á nosotros no es extraña la dulce lengua que hablais ni vosotros extrañas esta armoniosa de España, y el afecto os acompaña de un pueblo regocijado y nuevos no habeis hallado gentes, usos, clima y cielo, habeis cambiado de suelo, de patria, no habeis cambiado.

En todo nos hizo iguales á entre ambas naciones Dios, estrechando entre las dos los vinculos naturales. Se alzan, como sus umbrales el torpe invasor trasponga, en lucha que se prolonga contra la estrangera insanía, Si un Viriato en Lusitania un Pelayo en Covadonga.

Cuando en el seno profundo de inesploradas orillas antes sus rápidas quillas iba ensanchándose el mundo, doble su esfuerzo fecundo, completa la creación y el viento de redención que hincha de Gama las velas empuja las carabelas intrepidas de Colon.

Cantando la soberana razón y el progreso humano, á la lira de Herculano responde la de Quintana. Todo, todo nos hermana y estrecha con lazos cien, que una idea, hija del bien, en nuestras almas unida y una idea compartida patria comun es tambien

Madrid 22 de Mayo de 1883.

Emilio Ferrari.

Esse sarau foi o ponto de partida das festas brilhantes e consecutivas com que os homens de letras, e os artistas hespanhoes obsequiaram os portuguezes.

Seguiram-se-lhe: um esplendido concerto de musica hespanhola no salão do conhecidissimo editor Zozaya, o primeiro editor de musica de Madrid, uma recita em francez seguida de baile, e uma *soirée* á veneziana, no elegantissimo palacio dos srs. de Rute, um passeio e almoço ao Pardo, passeio e almoço a Toledo, recita dedicada á imprensa portugueza no theatro Hespanhol, sarau litterario no casino Militar, recepção no palacio da Presidencia do Conselho, concerto no Conservatorio, banquete no theatro da Zarzuela, e convites para todas as festas que havia em Madrid, para visitar todos os museus, monumentos e exposições.

E toda esta aluvião de festejos, que daria á larga para uma capital se divertir durante dois mezes, foi condensada em dez simples dias, a que a amabilidade hespanhola apesar de toda a sua boa vontade não poude dar mais de vinte e quatro horas a cada um.

De todas as festas reaes as mais brilhantes foram a recita de gala no theatro Real, e o baile no palacio de D. Affonso XII, baile a que não assistimos, porque a interdicção da calça comprida só foi levantada quasi ás horas de nos deitarmos.

Das festas particulares da imprensa madrilena á imprensa portugueza a mais imponente foi o banquete de 200 talheres no theatro de Zarzuela, banquete em que se proferiram eloquentissimos discursos em hespanhol e em portuguez, e em que se deu um facto curioso o d'um portuguez fazer um esplendido brinde em correcto castelhano, o nosso amigo e talentoso collega do *Commercio de Portugal* o sr. Antonio Castanheira, e o d'um hespanhol fazer um excellento discurso no mais puro portuguez, o distincto jornalista madrileno o sr. Alcalá Galliano.

N'esse banquete os grandes successos oratorios porém foram para o sr. Moret e para o sr. Pinheiro Chagas, dois athletas da palavra, que pronunciaram dois dos mais notaveis e brilhantes improvisos que na nossa vida temos ouvido. Foram tambem muito notaveis n'esse jantar os brindes feitos pelos srs. De Rute, um bello orador entusiasta, marquez de Valdiglesias, o antigo jornalista Scobar da *Epoca*, D. Fructos Martinez, Martos, e Persy, e pelos jornalistas portuguezes Jayme Victor, Dr. Tello, Batalha Reis e Christovam Ayres.

Como dissemos esse banquete foi a festa mais imponente das que o jornalismo de Madrid nos offereceu; a mais alegre foi o passeio ao palacio e asylo do Pardo; a mais interessante artisticamente a excursão a Toledo.

De todas essas festas fallaremos largamente nas nossas notas de viagem, visto que o espaço de que podémos dispôr para esta chronica está a findar.

Aqui só poderemos ajuntar duas palavras in-

dispensaveis, o testemunho da nossa profunda gratidão para com os nossos presados collegas do visinho reino, pela amabilidade bisarra com que nos trataram em Hespanha a todos nós, jornalistas portuguezes, e em particular pelas distincções com que nos honraram pessoalmente, distincções que não se dirigiam a nós, que nada valemos, mas sim ao OCCIDENTE de que eramos humildes representantes n'essas festas, distincções que hoje agradecemos em nosso nome e em nome da redacção artistica e litteraria d'este periodico.

E agora até ao proximo numero, em que entraremos de novo na vida portugueza, que durante quinze dias abandonámos, n'essa vida em que tanta sensação tem feito um livro novo, de author dos mais illustres, livro cuja apparição noticiámos no dia da nossa partida — *O Salustio Nogueira* de Teixeira de Queiroz e que será um dos primeiros assumptos da nossa primeira chronica.

Gervasio Lobato.

DEZ DIAS EM HESPANHA

NOTAS DE VIAGEM

I

As cinco horas em ponto partiu o comboyo.

Acenámos com os lenços, dissémos mais duas phrases ás pessoas que se tinham ido despedir de nós: Escrevam-nos. Mandem noticias do que houver—Em chegando telegraphamos logo—Um abraço a fulano, um aperto de mão a sicrano. E zás, bum! bum! bum! o ruido infernal do rodar do comboyo sobre os rails de ferro echoando no recinto coberto da gare, mais dois adeus debruçados da portinhola, aos amigos que nos acompanharam, e que se confundem já n'um plano afastado com a multidão dos desconhecidos... De repente faz-se um silencio largo e confortavel: ao horizonte de negras carruagens paradas, e de pesadas locomotivas em descanço, succede-se um horizonte amplo, claro, tranquillo, o largo Tejo sereno, immenso como um oceano, cortado ao longe por pequenos barcos, cujas velas parecem grandes guivotas pairando mansamente sobre as aguas; lança-se um ultimo olhar para traz, para a estação, já não se vê nada: em frente, os velhos asylados do Maria Pia, com os seus bonets d'um escarlate desbotado e sujo lançam um olhar indifferente para o comboyo que passa rapido, um espectáculo banal para elles, que o vêem passar todos os dias, das janelas do seu asylo, a ante camara da sua cova.

Então sentámo-nos todos, descansando d'essa faina da partida, d'essas preocupações da despedida.

A viagem principia ali. E' como que uma vida nova. Até ha momentos ainda podiamos reconsiderar, ser senhores da nossa vontade. Agora já não nos pertencemos, pertencemos ao comboyo; toda a nossa liberdade está encerrada dentro d'aquelle estreito compartimento... E' ir para diante, não ha que pensar, não ha hesitações.

Diante de nós tinhamos vinte e uma hora de jornada, sempre ali metidos n'uma convivencia fatal e implacavel.

Felizmente essa convivencia era a da nossa vida em Lisboa.

Eu levava minha mulher e minha filha, a minha familia toda: não deixava preocupações nem cuidados atraz de mim.

Os nossos companheiros de viagem eram os meus companheiros de todos os dias.

Reuniramo-nos todos os que costumamos andar sempre reunidos na vida e fizemos uma barreira inexpugnavel contra os estranhos.

E mantivemos essa defeza do nosso compartimento, heroicamente, em todas as estações, mesmo nas mais perigosas.

No Entroncamento rechassámos corajosamente um magro *commis voyageur*: em Talavera resistimos gloriosamente a uma velha dama hespanhola, em Torrijos repellimos com uma energia brilhante um gordo abbade castelhano: e assim conseguimos essa coisa rara n'um comboyo de festa, chegar a Madrid sósinhos, como sabiramos de Lisboa. Vinte e uma horas de luta, mas vinte e uma horas de victoria.

É extraordinario o appetite que se desenvolve em caminho de ferro.

E depois não é só o appetite, é tambem o não ter que fazer. Não ha que fazer, come-se, e fran-

camente não me insurjo muito contra este modo de matar o tempo.

Ainda não tinhamos chegado aos Oliveas já os nossos farnéis de jornada se desdobravam sobre as malas.

O uso do farnel é burguez e está fóra de moda no estrangeiro. Em Portugal torna-o uma necessidade de viagem os buffetes das nossas estações.

Desde que ha annos, vindo do Porto passei um dia a pão e laranja, sem rhetorica alguma, no meu wagon, e no Entroncamento apenas poude escaldar-me com um caldo a ferver por cinco tostões, nunca mais entrei em comboyo sem levar o classico farnel das deligencias dos nossos avós.

Houve ha annos em Lisboa um homem, cujo nome não me occorre, Coutinho, creio eu, que teve uma verdadeira celebridade de gastronomo. Depois de jantar bem, como *dessert*, esse sujeito comia tres kilos de doce d'ovos.

Ora uma vez o Coutinho apeando-se para jantar no Entroncamento, aconteceu-lhe o mesmo que a mim. Sentou-se á meza, esperou, e bateu as palmas mais vezes do que se estivesse a ouvir cantar a sr.^a Pasqua, e finalmente trouxeram-lhe um caldo a ferver.

Bebeu duas colheradas e n'isto *tlm! tlm!* a campainha deu o signal de que o comboio ia a partir.

— Quanto é?

— Cinco tostões.

— Hein?... Mas eu nem sequer poude acabar de comer a sopa.

— É a mesma coisa, meu senhor, quem se senta á meza paga cinco tostões, ou não coma nada, ou coma tudo o que ha em casa.

— Bom! bom! disse o Coutinho, aqui estão os cinco tostões.

E mettu-se no comboio.

D'ali a dias, porém, o Coutinho apeava-se novamente no Entroncamento.

Sentou-se á meza. Trouxeram-lhe a sopa a escaldar.

— Então isto, coma-se o que se comer, muito, pouco ou nada, são cinco tostões?

— Sim senhor.

O Coutinho deixou arrefecer a sopa, comeu-a e pediu outra.

— Olhe que então não tem tempo de comer mais nada, observou-lhe o creado, faltam quatro minutos.

— Traga a sopa, homem, ordenou imperturbavel o Coutinho.

A campainha deu o signal de partida.

O creado trouxe-lhe a segunda sopa e o prato para receber o dinheiro.

— Para que é isto?

— Para pagar.

— Nada: ainda agora eu principiei.

— Mas o comboio vae partir.

— Deixa-o partir, espero por outro.

E diante do dono do buffete aterrado e de todos os criados estupefactos o Coutinho esteve quatro horas a fio, comendo sem interrupção bebendo garrafas e garrafas do detestavel vinho tinto, que o buffete dava á descripção e no fim, quando o outro comboio se approximou, levantou-se da meza socegradamente e pagou ao creado cinco tostões!

N'esse dia os viajantes que se apearam no Entroncamento não encontraram inteiramente nada de comer.

O Coutinho tinha-se vingado!

(Continúa.)

Gervasio Lobato.

A COROAÇÃO DO CZAR

No nosso n.^o 82 de 1 de abril de 1881 demos o retrato do Alexandre II, Czar de todas as Russias, assassinado na praça de S. Miguel em S. Petersburgo no dia 13 de março do mesmo anno.

Por esse motivo foi elevado ao throno de todas as Russias, o czarewitch, isto é o filho do Czar, com o nome de Alexandre III de quem demos o retrato a paginas 81 do mesmo volume, assim como o da nova czarina a pag. 80.

Este facto porém que nos paizes verdadeiramente occidentaes da Europa determina uns festejos mais ou menos brilhantes, não se passa na Russia de maneira tão simples.

O czar é ao mesmo tempo chefe temporal e espirital do imperio, e portanto a sua coroação não só é uma necessidade impreterivel para a consagração do seu reinado, como é composta de um conjunto de ceremonias domesticas, publicas, civis e religiosas da mais complicada etiqueta e das mais variadas formulas, conservadas ainda por um rito tradicional de diversas épocas.

As circumstancias extraordinarias que tinham produzido a morte do czar Alexandre II, (vid. pag. 84 e 86 do vol. citado) o estado do imperio e os terrores que um partido mysterioso e extenso o *nihilismo* inspirava em todos, fez demorar a grande cerimonia mais de dois annos, e parece que a policia russa empenhou todos os seus esforços durante este tempo, para que não houvesse a menor perturbação durante a serie de actos que compõem a grande cerimonia.

Esta, segundo a tradicção e uso estabelecido, não se faz na hoje capital do imperio, S. Petersburgo, mas sim em Moscow, a antiga capital, que é a cidade Santa, por excellencia, do imperio moscovita.

Moscow é uma cidade singular, onde a par da grandeza, riqueza e fausto grandioso dos mais extraordinarios edificios, ha as habitações mais modestas dos mais modestos burguezes.

A cidade que em-russo se pronuncia Mascva tira o seu nome do rio que a atravessa. O seu plano não é regular e por isso seria difficil, e não comportaria a estreiteza da nossa folha uma descripção completa d'ella; assim limitar-nos-hemos a dar algumas notas rapidas da sua estrutura para ser comprehendido o curso das ceremonias.

A sua configuração é proxima a de um circulo que o grande rio Moskwa atravessa na sua parte inferior em linha sinuosa. A cidade parece dividida em quatro partes concentricas, sendo a mais interior a que se denomina o Kremlin, antiga cidadella, seguindo-se a esta o Akropolis, o capitolio, e o burgo de Moskow.

O Kremlin acha-se construido sobre a margem formando como que o nucleo d'essa enorme massa de população, cujo numero orça por 750:000 habitantes.

E fechado por tres lados por uma muralha branca ameadá á italiana, ficando assim quasi separado de tudo que o cerca.

Não se julgue pelo que acabamos de dizer que o Kremlin é uma fortaleza como qualquer das que conhecemos embora augmentada a proporções colossaes; um escriptor define-a uma cidade metida dentro de outra, mas uma cidade composta unicamente de monumentos religiosos e monarchicos.

Para outra parte o *Ketai Gorad*, que é uma cidade chinesa, cercada tambem de outra muralha branca, construida porém de modo que se não confunde com a chamada cidade branca, destruida no reinado de Catharina II.

A destruição porém d'esta cidade foi um bem para Moskow, porque tendo sido derribadas as muralhas e entulhados os seus fossos, sobre elles se plantaram as magnificas alamedas que orlam a grande cidade.

Continuando a seguir do centro para a circumferencia encontra-se com outro passeio circular chamado *Sadovaia*, que quer dizer rua dos jardins.

Desdobram-se d'aqui os arrabaldes que se vão como que diluindo e misturando com os campos adjacentes do mesmo modo que a agua doce de um rio se vae confundindo e misturando com as aguas do mar proximo da sua foz. Isto que é commum, em ponto pequeno, nas nossas aldeas, onde a circumvalação para os effeitos fiscaes marca uma perfeita divisão entre a cidade e as adjacencias, Moskow, como todas as mais cidades russas não gosa ainda d'esse agradável prazer que nós disfructamos, chamado *barreiras* e por isso é completamente aberta, desconhecendo as delicias do *imposto de consumo*.

O Kremlin é a cidade veneranda e augusta dos russos. Dentro das suas muralhas que dezoito torres fortessem acham-se agrupados uma quantidade de edificios entre os quaes se contam tres cathedraes, sete egrejas, dois conventos, um palacete imperial, o grande palacio moderno com museus e galerias, os tribunales, o arsenal militar, e uma vasta esplanada, d'onde se descobre o panorama da cidade e do rio.

No centro d'este grupo enorme de monumentos coroados de tetos erguidos e corucheus pontegudos, levanta-se a bellissima torre de Ivan o terrivel, que um turbante dourado terminando em ponta aguda coroa.

De longe avista o viajante, e serve-lhe, como que farol que lhe indica que se aproxima da cidade santa.

E perto d'esta torre que se vê o grande sino, similhando uma caverna fatidica onde os genios e espiritos do imperio velam.

Esta enorme massa de bronze, que peza aproximadamente 200:000 kilos, não poude ser collocado na torre para onde era destinado, mas ficou collocado proximo d'ella. O viajante fica assombrado á sua vista, e parece-lhe um sonho que mãos humanas podessem tal fabricar.

(Continúa)

R. M

AS NOSSAS GRAVURAS

AS SCENAS DO DRAMA O FUNDO DO MAR.
NO THEATRO DE D. MARIA II

É um espectáculo magnifico; verdadeira obra d'arte e como tal quasi perfeito.

Acabou-se a velha scenographia com a sua pintura d'officio e de sciencia certa: sempre systematica e eternamente preocupada com o culto do antigo e da tradicção; concedendo na architectura um valor exaggerado aos effeitos da perspectiva; transigindo na paysagem com toda a especie de convenções e mediando sempre entre o desenho d'architecto e a pintura de sala de jantar.

Eis-nos em presença de alguns bellos quadros, opulentos de côr e de verdade, rivalisando em flexibilidade de execução e em sentimento de claro escuro com o que se produz de melhor na pintura de cavelete.

Parabens ao seu author, o scenographo Manini e parabens tambem não só ao machinista Caprara que o auxiliou como a A. Roza o director dos espectaculos do theatro de D. Maria, a cuja iniciativa intelligente se deve em parte o feliz exito d'este espectáculo unico até hoje no seu genero.

É preciso conhecer de perto a construcção pesada e antiga do palco do theatro de D. Maria para se poderem avaliar as difficuldades vencidas pelos artistas que pozeram em scena tão brilhante espectáculo. A caixa do nosso primeiro theatro embora funda e espaçosa tem defeitos que não seria comtudo impossivel emendar. O urdimento é baixo; o subterraneo tem pouca profundidade, e as coxias do palco scenico acham-se obstruidas por grossas vigas e por um certo numero de camarins. Estes defeitos offerecem obstaculos quasi insuperaveis para a collocação das telas circulares, chave do effeito na moderna escola de paysagem theatral, e não só privam o pintor d'um cem numero d'effeitos de ares como tambem o obrigam a amesquinhar as linhas de composição das suas scenas.

O desenho que a nossa gravura reproduz, e que devemos á obsequiosidade do sr. Manini representa o quadro do navio, um dos mais artisticos da peça e um dos que o publico applaude todas as noites com mais enthusiasmo.

Spectator.

O GENERAL ANTONIO D'AZEVEDO E CUNHA

Pertencia a uma familia que deu mais de um soldado valente á causa liberal.

Foi seu pae o bravo coronel de infantaria Azevedo e Cunha, estrenuo partidario da politica inaugurada pelos revolucionarios de 1820. Por estas ideias arriscou mais de uma vez a vida, fazendo parte da divisão que em 1823 operou em Traz-os-Montes, contra as tropas do segundo conde de Amarante.

Tendo sido aprisionado durante um combate, foi o coronel liberal levado á presença do caudilho absolutista, o qual, conhecendo-o havia muito tempo, lhe offereceu a liberdade e um commando no seu corpo de tropas. Azevedo e Cunha recusou nobremente. Cinco annos depois, sendo governador de Valença, adheriu com enthusiasmo ao movimento realisado no Porto a 16 de maio de 1828, e defendeu aquella praça contra numerosas guerrilhas miguelistas, tendo apenas ás suas ordens um numero diminutissimo de soldados de linha, e alguns voluntarios completamente ignorantes no uso das armas. Nestas circumstancias forçoso lhe foi render-se. O facto causou-lhe tamanha impressão, que o juizo lhe foi fugindo a pouco e pouco. Remettido para Lisboa n'uma sumaca de guerra, desembarcou em Cascaes, depois do navio ter sido tomado por um corsario argentino, que offereceu a Azevedo e Cunha deixal-o em Cadiz, o que o pobre louco não aceitou. Em Cascaes metteram-n'o em uma masmorra. Uma vez ali, a razão desapareceu-lhe completamente, e á loucura mansa succederam accessos de furia. Durante um d'estes ataques, uma sentinella mandou calar o infeliz, que sem comprehender a intimação, continuou a vociferar com mais força ainda. O soldado cresceu contra o desgraçado, e varou-lhe o peito com uma bayonetada. A vida que a loucura salvara da força da alçada do Porto, assim se perdeu á sanha bestial do soldado de D. Miguel.

É facil de comprehender o effeito que produziu o acontecimento no animo de Antonio d'Azevedo e Cunha, filho mais velho do assassinado,

e que então contava apenas 19 annos de idade, pois nascera em 8 de maio de 1810. Ao amor da liberdade, associou-se no seu espirito o desejo vehemente de vingar aquella morte horrivel. Viu-se comtudo forçado a calar-se, embora tambem fosse victima do despotismo, pois que sendo já cadete, depois de concluir em 1827 os estudos no collegio militar, para onde entrara em 1821, e estando a frequentar o curso de engenharia, com as vantagens a que tinha direito, foi-lhe dada baixa em maio de 1828, por motivos politicos, o que o reduziu a circumstancias extremamente precarias. Continuou, porém, Azevedo e Cunha a frequentar os estudos como paisano, mas não pôde fazer exame do quarto anno do curso, porque foi preso antes d'isso, em 1832. Um anno depois saiu do Limoeiro, e passados alguns dias fugiu para o Porto. Tendo-se apresentado a D. Pedro IV foi promovido a 2.º tenente de engenheiros a 28 de junho de 1833, e obteve emprego nas linhas d'aquella cidade, ainda então sitiada pelo exercito de D. Miguel.

Tomou parte nas operações da divisão constitucional que, sob o commando do duque da Terceira, reduziu á obediencia a região que vae do Tamega ao Mondego. No ataque da ponte de Amarante, realisado na manhã de 11 de abril de 1834, distinguuiu-se de um modo notavel.

Os miguelistas tinham concentrado toda a defesa n'aquella ponte, e no vau que offerece o Tamega no sitio do Paul. O valente engenheiro marchou com a columna que assaltou a dupla barricada construida na ponte. Acompanhado por alguns soldados de sapadores, foi visto proceder com o maior



O GENERAL ANTONIO L'AZEVEDO E CUNHA — Fallecido em 26 de maio de 1833

(Segundo uma photographia de Damião)

sangue frio e celeridade, á destruição das obras que obstruam a passagem aos liberaes. Envolvido n'um amplo casaco, que lhe encobria a pequena estatura, permaneceu debaixo do fogo vivissimo do inimigo, mostrando a mesma paz de espirito com que trinta annos depois conversava ás tardes, com os antigos camaradas, na loja do Bello ao Rocio.

Na batalha de Asseiceira, que pode dizer-se, acabou a grande lucta da liberdade portugueza, continuou Azevedo e Cunha dando provas de ser bom official e valente soldado. Não só prestou bons serviços com a força de sapadores da divisão do duque da Terceira mas salvou a vida de um officia de artilheria das tropas do brigadeiro Guedes.

Azevedo e Cunha fez parte da divisão que, sob o commando de seu primo co-irmão o conde das Antas, foi auxiliar em 1835 o exercito constitucional de Hespanha. N'estas operações se houve com distincção, merecendo ser condecorado com a medalha de S. Fernando de 1.ª classe. Tendo regressado a divisão a Portugal, em consequencia da revolta denominada dos Marechaes, foi mandada em perseguição de uma columna de revoltosos que se encontrava perto de Braga. Estando á vista as duas forças, Azevedo e Cunha adiantou-se, acompanhado por um sargento, alem das vedetas da divisão do conde das Antas, a fim de realisar um reconhecimento. O resultado d'esta temeridade foi a morte do sargento, e um grave ferimento que o tenente de engenharia recebeu no braço direito e que por muitos annos lhe impossibilitou os movimentos da mão.

Azevedo e Cunha foi promovido a 1.º tenente de engenharia em



O GENERAL D. ANTONIO JOSÉ DE MELLO — Fallecido em 31 de maio de 1833

(Segundo uma photographia de Loureiro)



O GENERAL INNOCENCIO JOSÉ DE SOUSA FEYO — Fallecido em 31 de maio de 1833

(Segundo uma photographia de Gomes)



COROAÇÃO DO CZAR EM MOSCOW — 1, CATHEDRAL DE USPENSKI — 2, INSIGNIAS IMPERIAES — 3, IGREJA DE S.¹ WASSILI
 4, O SINO GRANDE DE KREMLIN — 5, PALACIO IMPERIAL NO PARQUE DE PETROUZKI — 6, O KREMLIN EM MOSCOW (Desenhos de M. de Macedo)

24 de julho de 1834, sendo-lhe dispensados os exames do ultimo anno do curso, em razão de ter estado com o exercito liberal. A 18 de agosto de 1838 saiu capitão, e major a 19 de novembro de 1849, não por lhe competir na escala a promoção, mas por ter sido nomeado director das obras militares de Macau, depois dos successos que n'aquella colonia custaram a vida ao governador Amaral. Foi promovido a tenente coronel aos 24 de maio de 1859, a coronel aos 8 de junho de 1864 e a general de brigada aos 26 de dezembro de 1872.

Desempenhou importantes commissões no corpo de engenheiros. Encarregado dos trabalhos da restauração da Torre de Belem, tornou-se digno de elogio, por saber conservar aquelle edificio monumental toda a pureza de estylo architectonico. Em Macau prestou relevantes serviços. Esteve tambem empregado na construção da estrada de Cintra, n'uma das commissões de defeza de Lisboa, na secretaria do corpo de engenheiros, etc. Era director d'esta repartição quando foi despachado para o generalato. Como general de brigada, fez parte primeiramente do tribunal superior de guerra e marinha, e foi nomeado, nos principios de 1882, director geral de engenharia, occupando este cargo até ao seu fallecimento, occorrido no dia 26 do mez de maio ultimo.

Azevedo e Cunha foi deputado por Damão, durante uma legislatura, quando seu irmão Constantino Lopes d'Azevedo e Cunha, outro valente soldado do exercito liberal, era governador d'aquella colonia. Combateu o governo que estava então no poder.

Uma vez, na discussão do orçamento, fez um discurso, com o bom humor e a graça inoffensiva que o caracterisavam na conversação, e alcançou completo resultado. Ha dias, referindo-me este caso o eminente academico sr. Latino Coelho, que foi amigo intimo do fallecido, e que era então seu collega na camara, contou-me que Azevedo e Cunha lhe tinha lido antes o discurso em que havia um effeito oratorio, com que o auctor contava muito, e que effectivamente não falhou.

O ministro da fazenda dissera n'uma das sessões precedentes que o paiz nadava em prosperidade. Azevedo e Cunha levantou a phrase, aliás naturalissima na bocca de um ministro de finanças.

— Sim, sr. presidente... Eu não duvido da palavra honrada do sr. ministro... Não duvido de que o Pactolo corra por todo esse reino; que desde Melgaço até o cabo de S. Vicente haja mais ouro do que nos tempos felizes da nau dos Quintos; mas o que eu sei, o que eu sei com toda a certeza... (N'isto, o orador, lembrado certamente de Cicero e dos grandes tribunos da antiguidade, não rasgou a toga para mostrar ao auditorio o peito ulcerado, mas introduziu a mão na algibeira da calça.) O que eu sei com certeza, sr. presidente, é que todas as vezes que metto a mão na algibeira, só encontro... cotão!

E Azevedo e Cunha tirou effectivamente cotão, verdadeiro cotão oratorio, que teve um enorme exito de gargalhada.

O amor da liberdade que o enfileirara nas hostes de D. Pedro IV, constituiu-o adversario irreconciliavel do partido denominado cartista. Por ser setembrista esteve preso no castello de S. Jorge.

Tendo direito ás medalhas de ouro correspondentes ao valor militar, bons serviços e comportamento exemplar, nenhuma requereu. Inimigo de condecorações, tinha apenas a commenda de S. Bento d'Aviz, que ainda assim raras vezes punha ao peito, e a medalha hespanhola a que já se fez referencia.

M. de A.

O GENERAL D. ANTONIO JOSÉ DE MELLO

A 21 de maio do corrente anno falleceu na sua casa o general de divisão, director geral do ministerio da guerra, D. Antonio José de Mello, apoz alguns dias de soffrimento, em virtude de uma apoplexia que o accomettera.

Havia nascido o sr. D. Antonio em 1803 e assentara praça a 5 de janeiro de 1821, quando as ideias liberaes haviam rompido o seu primeiro involucro e estavam no auge da sua primeira fermentação.

A 25 de maio d'esse mesmo anno foi promovido a alferes. Durante o periodo agitado da lucta entre o absolutismo e a liberdade D. Antonio, foi naturalmente esquecido, até que emigrando com a flor dos mancebos da sua epoca e seguindo todas as peripecias do pequeno nucleo do exercito libertador, entrou em quasi todas as campanhas liberaes, sendo promovido a tenente em agosto de 1832.

Valente como todos os campeões da liberdade,

distinguiu-se em todas as acções em que entrou, taes como nas da Ponte do Prado e da Barca em 1832, na de 29 de setembro d'esse anno, e nomeadamente na de 25 de junho de 1833, na qual ficou gravemente ferido em uma perna.

Trez annos soffreu o valente militar as consequências d'esse ferimento, e sendo opinião dos facultativos que se lhe devia cortar a perna, nunca quiz em tal consentir, preferindo como elle dizia morrer, a ficar inutil para o serviço.

A sua obstinação n'este ponto surtiu bom effeito, porque, embora coxeando, e soffrendo durante toda a sua vida, conservou-se válido para o serviço militar, no qual persistiu até o momento em que a ultima enfermidade o accommetteu.

Em julho de 1833 foi promovido a capitão e sete annos depois em novembro de 1840 a major, exercendo sempre funcções do estado maior, já no ministerio da guerra, já junto aos commandantes das divisões militares.

Em abril de 1847 foi promovido a tenente coronel e pouco depois era nomeado chefe do estado maior da 1.^a divisão militar. Em 1851 foi promovido a coronel, a brigadeiro em setembro de 1852; a marechal de campo em abril de 1865 e finalmente a general de divisão em dezembro de 1872.

Por mais de 20 annos exerceu o general D. Antonio José de Mello o cargo de director geral da secretaria da guerra, e pelos seus importantes serviços no campo de batalha, e pelos seus trabalhos no gabinete mereceu ser contemplado com muitas condecorações de diversos paizes, presando acima de todas, as medalha de ouro do valor militar e bom comportamento, a de prata de bons serviços e sobretudo a de cobre das campanhas da liberdade, algarismo n.º 9, e a qualidade de soldado do Mindello e de ferido nas linhas do Porto.

Era além d'isso ajudante de campo honorario de Sua Magestade El-Rei.

Quem tratava com D. Antonio, julgava-o a principio secco e de trato pouco cordeal, mas pouco depois reconhecia-se que isto não era mais do que uma apparencia e que o seu fundo era bom e perfeitamente serviçal.

O GENERAL INNOCENCIO JOSÉ DE SOUSA FEYO

O mez de maio do corrente anno foi terrivel para o nosso exercito; cinco generaes falleceram durante elle.

Com quanto desde alguns annos estivesse reformado em general de divisão, não deixava o general Sousa Feyo de ser muito considerado no exercito, pela sua valentia tantas vezes exercida no campo de batalha, pela sua intelligencia tantas vezes demonstrada nos diversos trabalhos da sua arma.

Segundo dizem todos os que o conheceram era dotado de um trato lhano e atrahente, de um caracter firme e probo tendendo ao mesmo tempo para a benevolencia. As qualidades do seu coração eram de tal maneira delicadas, que havendo-lhe a morte arrebatado, em 1868 um filho intelligentissimo, que aos vinte annos concluiu a formatura de medecina, nunca poudo domar a tristeza que este golpe lhe causou, retirando-se do serviço logo que lhe foi possível, e quando ainda o exercito tinha muito a esperar dos dotes elevados da sua intelligencia, aliás tradicional na sua familia.

O general Feyo assentára praça tendo 15 annos de idade no 2.^o regimento de artilheria em 1 de junho de 1822, justamente no anno em que era promulgada a primeira e mais notavel Constituição portugueza, e em que se achavam reunidas aquellas famosas côrtes, que ainda hoje são uma gloria, e que segundo a expressão de Affonso Rabe por um momento deram leis á Europa.

Com tal iniciação o espirito de Sousa Feyo devia seguir uma orientação toda liberal.

Por isso quando a liberdade, reprimida pelos attentados de 1823 e 1828 teve de disputar no campo a sua supremacia, Sousa Feyo correu a defendel-a com o seu braço valente, e desde 1826 a 1833 raro seria o combate, a batalha, onde o seu peito se não expôzesse onde a sua voz de commando se não deixasse ouvir, desempenhando em alguma d'ellas papel importantissimo.

As suas qualidades de caracter e de intelligencia fizeram-no chamar ao exercicio de varias commissões de serviço em que revelou os seus conhecimentos.

Em 1848 foi eleito deputado pelo circulo do Alemtejo, e tendo sido de novo eleito em 1851 recusou o mandato.

Foi um dos primeiros officiaes que commandou a escola pratica de artilheria no polygono

das Vendas Novas, em 1861; exerceu tambem os cargos de inspector do Arsenal do Exercito, e o de director do deposito do material de guerra; foi membro da commissão de aperfeiçoamento da arma de artilheria e presidente do conselho administrativo da mesma arma.

Retirado havia algum tempo no seio da familia, na qual só podia encontrar linitivo á perda que lhe enlutou os ultimos annos da vida, extinguiu-se na idade de 68 annos, no dia 21 de maio proximo findo, legando ao paiz e a sua familia um nome digno de imitação e de respeito.

JOSÉ MARIA DA SILVA LEAL

Entre os homens de letras que no segundo quartel d'este seculo deram lustre ao periodicismo e ao theatro portuguez occupou um lugar distincto José Maria da Silva Leal.

Intelligencia, muita cultura, infatigabilidade no trabalho, e estudo aturado eram as qualidades que distinguiam Silva Leal, como homem de letras. Como cidadão e como membro da sua familia, assignalava-se pela simplicidade e amenidade do viver, pela honestidade e rectidão do seu character, e por uma franqueza e facilidade de tracto apreciaveis.

Nascido em Belem a 8 de outubro de 1812, foram seus paes Antonio José Leal e D. Maria da Gloria da Silva Leal.

Por um contraste muito commum nos tempos das grandes crises politicas, se o pae seguira convicto o antigo partido do governo absoluto e por elle militara, o filho, respeitando-lhe as convicções e amando-o extremosamente, seguia com toda a moderação e sem grandes expansões as idéas liberaes.

Achava-se Silva Leal na florente idade de 23 ou 24 annos quando, havendo cessado ás primeiras dissensões do partido liberal, se começou o movimento que devia regenerar as letras em Portugal, e como que promover o seu terceiro renascimento.

A frente d'esse movimento estavam por diversos modos os nomes de Garrett, Herculano e Castilho.

Silva Leal que frequentava como todos os mancebos d'essa epoca as bibliothecas e os arquivos para estudar o viver e crer dos tempos passados, foi dos que primeiro acudiram a agrupar-se em torno do novo pendão litterario.

Quando Garrett conseguiu que se fundasse o Conservatorio, promovendo por esse meio o novo renascimento das letras, chamou-o para o seu lado, e alli com o poeta Herculano, com Perini di Lucca, e outros, servindo de secretario geral, se dedicou aos trabalhos que dentro de pouco tempo elevaram aquelle estabelecimento ao alto grau de florescencia, de que depois descahiu.

Silva Leal em 1840 a instancias de amigos entrou na vida administrativa como secretario geral dos districtos de Santarem e Portalegre, e mais tarde exerceu o cargo de governador civil nos districtos de Coimbra e Angra do Heroismo ficando o seu nome vinculado á fundação d'um asylo de mendicidade em cada um d'estes districtos e á creação de uma bibliotheca publica na Ilha Terceira.

N'esta ilha encontrou aquella que devia ser a companheira do resto da sua existencia, a ex.^{ma} sr.^a D. Ignez da Conceição Corrêa da Silva Leal, com a qual se desposou, e na companhia da qual ainda viu expirar seu pae na idade de 81 annos.

Traduzindo do hespanhol e francez mais de cinquenta peças dramaticas para os theatros da Rua dos Condes, do Salitre, das Laranjeiras, etc. Silva Leal tornou-se favorito do publico pela sua farça lyrica — *O Bejo* — que teve extraordinario exito em Lisboa, e para a qual o maestro Angelo Frondoni escrevera a musica.

Em 1848 de collaboração com o sr. Paulo Midozi escreveu *O Conselho dos dez*, que foi representado pelo Taborda e Delphina com musica de Miró.

Escreveu no mesmo genero *Um par de lvas*, representado no theatro de D. Maria com musica de Casimiro, *Bom homem de outro tempo*, com musica de Frondoni, e *Um sonho*, musica de Daddi, representado no theatro das Laranjeiras, em cujas ruinas se perdeu.

Refundiu o drama *D. João I*, de Brtschy, que publicou com uma introdução importante. Escreveu o *Intrigante de Veneza*, publicado em 1859, e deixou ineditos *O Casamento de entrudo*, a *Es-crava portugueza*, e incompletos *Luiç de Camões*, *Bernal francez*, que, segundo o sr. Paulo Midosi, deveria vir a ser uma importante obra litteraria, e *As proesas de um taful*.

Os seus dramas distinguem-se dos modernos,

a maior parte escriptos em *ensoo mixtiorio bordalengo*, como dizia o Filinto, pela correção da linguagem em que era exímio.

Occupou um lugar importante na imprensa portugueza fundando os periodicos — *O Beja flor*, (1838) *O Eleno* (1839) *A Fama* (1843) *O Occulo* (1848) *O Bibliophilo* (1849) em companhia do celebre antiquario Rodrigo José de Lima Felner, *O Archivo pittoresco* e a *Illustração*, quando d'ella tomou conta Teixeira de Vasconcellos.

Dirigiu a *Revista Universal Lisbonense*, depois que a deixara Castilho, de 1845 a 1849, *O Boletim de Architectura e Archeologia* durante tres annos etc.

Collaborou no *Diario do Governo* (1840 a 45) *Jornal das Bellas Artes* (1843) no *Dramaturgo Portuguez*, no famoso *Especulo* de Sampaio, na *Liga* (1849) no *Panorama*, *Archivo de Architectura Civil*, e nos periodicos politicos *Revolução de Setembro*, *Commercio de Lisboa*, *Jornal do Porto*, *Independente da Terceira*, *Commercio de Portugal*, *Jornal da Noite* e muitos outros.

Em 1877 publicou um folheto politico *Carta de Jan-Ninguem ao ministro das obras publicas* (Barros e Cunha) muito notavel, assim como o são os seus artigos de critica litteraria.

Imprimiu tambem os *Dolmens* e *As Ruínas do Carmo*.

Pertenceu a varias sociedades como o *Comite de salvação da litteratura dramatica* com Midosi, Herculano, Castilho, Perini etc. e *Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis*, e a muitas outras que a estreiteza da nossa folha nos não permite enumerar.

Foi vogal da commissão inspectora do theatro de D. Maria e presidente da commissão para dar parecer sobre as obras dramaticas.

Quando o sr. Luiz Palmeirim procurou organizar a Academia Dramatica junto ao Conservatorio, pediu a Silva Leal que lhe redigisse o projecto dos estatutos, o que logo fez, mas que apesar das muitas instancias que empregou Silva Leal, ainda não poudo ser posto em pratica, por que seja dito em verdade, os nossos governos importam-se pouco com a arte salvo a de fabricar eleições.

Silva Leal pedira a sua demissão em 1861 dos cargos administrativos, e apesar das instancias dos srs. Braancamp e Sampaio não quiz voltar a exercel-os.

Emfim, com a consciencia tranquilla succumbiu este excellento cidadão e distincto homem de letras no seio da sua familia, em a noite de 20 de março do corrente anno, deixando as mais saudosas recordações em quantos o conheciam.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

4.ª carta

(Concluido do n.º 100)

A instabilidade é a alma dos imperios, como o é de todas as cousas do mundo.

Não é a fortuna que governa os imperios. O systema principal arrasta consigo os accidentes particulares.

Mais tarde lhe direi as razões em que me bazeio.

A sociedade brazileira compõe-se de tres classes, a saber: proprietarios ou fazendeiros, commerciantes que são quasi todos estrangeiros, e a classe proletaria. Não existe a classe média, porque não possui a média e pequena propriedade. D'aqui resulta os milhares de ociosos e gente desoccupada, que se encontra na côrte, e que o commercio repelle por superfluo, e a agricultura não acceta por falta de aptidão e vigor para os trabalhos da cultura extensiva.

No Brazil a propriedade territorial não paga contribuição ou imposto da terra. Os impostos são os indirectos das alfandegas e as decimas dos predios urbanos. Assim, o consumidor chora; o productor ri. Os 13 por cento que paga o café e outros productos exportados são pagos pelo consumidor no elevado preço dos generos consumidos, e como o productor, importa quasi tudo que consome, chora tambem muitas vezes. Tudo que se obtem por intermedio do commercio, e é tudo principalmente, é de um preço exorbitante, por causa da distribuição do imposto e elevados direitos aduaneiros. Systemas de economia politica. Um alqueire de milho custa hoje 8\$000, um de feijão, 10\$000; e importa-se muito do estrangeiro porque os braços são poucos para a cultura exclusiva do café.

Sem boas leis nenhuma nação prospera, ainda que situada no mais bello clima da terra.

Se os estadistas brazileiros olharem com mais

um pouco de amor para o solo da sua abençoada patria, o Brazil será a primeira nação do globo; não esquecendo que, em todos os tempos os grandes homens fizeram mais que as grandes corporações, e que os negocios do mundo vão até onde os leva a energia humana.

O *maximum* da prudencia do homem consiste em evitar o mal, quanto é possivel, e conseguir o bem que se pode.

A mudança dos tempos traz consigo a variedade dos costumes, e esta a das leis.

Um grande mal que ha de mais tarde affligir o Brazil, se os seus estadistas não tratarem desde já de o prevenir, é o completo aniquillamento das magnificas florestas que ainda hoje possui, como nenhuma região do mundo, e que vão destruindo por costume, sem dô nem consciencia, como se estivessem em paiz inimigo! E' um mau costume, e os costumes tem a principal influencia na sorte dos estados.

O que as outras nações civilisadas tratam com mais cuidado — as florestas — é aqui um assumpto quasi inteiramente descurado.

Alguns deputados no parlamento, e ultimamente o sr. Barão d'Escragnoille, intelligente e zeloso director da floresta da Tijuca, que o amigo já conhece pela leitura da minha terceira carta, teem pedido providencias e indicado, em conceituos relatorios, os meios a empregar contra os inconvenientes que a destruição das florestas trará necessariamente, um futuro mais ou menos proximo, para as condições climatericas, economicas e agricolas do imperio. Todavia, *cá e lá, más fadas ha*.

Faz pena vêr destruir inutilmente tanta riqueza, sem se calcularem os enormes prejuizos que d'isto resulta!

Nada ha mais facil que errar em legislação e politica, e ao mesmo tempo não ha erros mais prejudiciaes a um povo. Os erros em legislação e politica commettem-se n'um momento, e ás vezes não se reparam n'um seculo. Este é um d'elles; porque perdidas as florestas, virá o transtorno atmosphericico, hydrologico, agrologico, commercial e industrial, que será difficil senão impossivel remediar. Emfim, como o tempo é a razão de um povo, tempo virá em que se pense n'isto, e se formule um codigo florestal em harmonia com a epoca.

A agricultura é o grande manancial da riqueza das nações, e o primeiro elemento da prosperidade publica, porque é a base de toda a industria, e a industria por excellencia.

Obter de um dado terreno e n'um dado tempo o maximo proveito possivel, com a menor depauperação d'esse mesmo terreno, é o fim que o fazendeiro deve propôr-se nas suas operações agricolas. Se estas operações forem guiadas por mãos inexperientes, só por acaso rarissimo serão coroadas de resultados felizes. O saber guiado pela experiencia, a vontade animada pela perseverança são qualidades indispensaveis ao cultivador e condições essenciaes da proficiencia dos seus processos.

Poucas profissões carecem de um juizo providencial, e de um tino pratico tão grande como a do fazendeiro. Elle está sempre entre dois escolhos, que precisa igualmente de evitar, porque pôdem igualmente perdê-lo. É preciso que não seja tenazmente aferrado ás praticas antigas, nem superticiosamente afeiçoado ás modernas; que não condemne sem razão evidente o que o tempo tem consagrado, nem adopte sem serio exame as innovações que lhe forem apresentadas. Finalmente, o agricultor brazileiro deve procurar viver na sua epoca, avançar com ella, e elevar-se até á altura da civilisação agricola do seu tempo.

Esta linguagem franca e sincera, talvez desagrade a quem estiver costumado a só ouvir lisonjas; mas eu como não sou, nunca fui, nem pretendo ser palaciano, só sei dizer o que sinto.

Poderei errar por defeito de intelligencia, mas não de vontade; e de mais, como não me encomendaram o sermão, nada receberia por elle. Estou convencido de que, por mais justo, mais intelligente e honrado que seja o homem, hade haver sempre quem d'elle maldiga. Portanto, cumpria cada um com o seu dever de lá por onde der.

Feita esta declaração, continuemos.

Ha 20 annos para cá o Brazil tem soffrido uma completa transformação no progresso material.

O brazileiro da alta sociedade, isto é, o fluminense e o paulista que, em portuguez significa — *homem de, antes quebrar que torcer* — é um perfeito parisiense: veste, calça, tem a sua casa mobilada, e a sua meza é servida como nas primeiras casas de tratamento europeas. E não cuida o amigo Mattos, que é só nos grandes centros de população, que isto se encontra achase nas fazendas as mais afastadas das cidades, que tenho visitado, e aonde hei sido recebido

com as maiores demonstrações de delicadeza e o mais fino acolhimento. O Brazil começou por onde as outras nações acabam, pelo luxo.

A França deslumbrou o Brazil, que ha tomado as suas modas, gostos e costumes. Mas esta cegueira hade passar, quando os seus homens pensadores reflectirem que teem outra natureza, e não possuem o genio francez por mais que o pretendam arremedar.

As nações teem todas como os homens, momentos de imbecilidade.

Saiba o brazileiro livrar-se do defeito de ceder ás miragens das falsas idéas, e comprehenderá o verdadeiro caracter de sua grandeza.

O Brazil possui muitos homens novos intelligentes e illustrados; falta-lhes, porém, para completar a sua educação politica, umas lições recebidas na escola da adversidade, que remoeça o corpo, e dá vigor ao espirito. Os homens communmente ignoram até onde podem chegar suas forças: a experiencia e trabalhos são, quem lh'o demonstra.

N'este imperio, onde a natureza é grandiosa em suas massas, necessariamente o espirito do homem se retrah e amesquinha. D'aqui provém um certo não sei que de desprezimento pela cousa publica e cousas uteis, que o brazileiro, — em geral — manifesta. É que não tem necessidade de trabalhar muito, quando quizer, para se alimentar. Um paiz, aonde seis alqueires de semente de milho (zêamais) semeado em terra virgem, produz 1:800 alqueires, como tive occasião de ver, na Barra do Pirahy, fazenda de Ipiabas, do sr. João Baptista, é um paiz, bem fadado pela natureza. O feijão, o arrôz, as batatas, emfim, todas as sementes que se lançam á terra, quasi sem amanho, produzem assim. O estrume aqui, é um elemento fertilisante desconhecido, por desnecessario.

Entretanto, o Brazil importa do estrangeiro o, que podia como nação nenhuma do mundo, ter em sua casa. Importa tudo, até a palha de milho para cigarros e palitos para palitar os dentes.

Isto parece-nos simplesmente devido á tal falta de lição na escola da adversidade. Ou para melhor dizer: No mundo moral, como no physico, tudo está encadeado por anneis invisiveis, que a vista mais penetrante do homem não pôde descobrir. Comtudo devemos lembrar-nos que, em toda a parte os homens e todos os povos são o que as leis e os governos os fazem ser.

Seu do coração
A. Lopes Mendes.

O AMIGO VISCONDE

VIII

Logo que a prima-dona acabou de cantar, da escuridão silenciosa da platéa uma voz exclamou ao longe — bravo! bravo!

E estalaram as palmas.

A dama olhou para a frente, procurando descobrir na vaga escuridão da sala o seu admirador; mas, como visse apenas luzir ao fundo a braza d'um cigarro, inclinou-se n'um gesto de reconhecimento e encaminhou-se para o seu lugar, lentamente, enfiando as mãos no regalo.

— Que parvo! — disse Alvaro, olhando para Leonide.

Estiveram depois algum tempo silenciosos, Leonide sempre attenta ao ensaio, virada para o palco.

Alvaro desesperava-se da indifferença da bailarina. Não seria ridicula e pueril a sua insistencia? Chegou a conceber a ideia de a esquecer, abandonando a repulsivamente como a um ser inutil. Depois, quando ella, offendida no seu amor proprio, lhe censurasse o procedimento, Alvaro lhe explicaria friamente como aquella afeiçoação momentanea tinha sido apenas um capricho, uma distracção passageira...

Todavia, sentia-se fraco. A sua razão succumbia na lucta contra a excitação dos seus sentidos. Todos esses projectos se desvaneciam, e o desejo persistente de a possuir e de ser amado instigava-o, porque a tinha ali, tão perto de si, formosa, mais tentadora ainda na sua obstinação, revelando-lhe sempre aos olhos toda a graça provocante do seu corpo d'estatua!

Reunia-se muita gente no palco. Os comparsas entravam em multidão, dividindo-se depois em duas alas.

A frente, o barytono e o tenor, collocados um defronte do outro, esperavam o signal do maestro. O barytono era alto e magro, com olhos claros e barba loira. Quando o maestro apontou com a batuta, Affonso de Castella, fazendo um gesto largo, apresentou Fernando á sua côrte, declarando-o um heroe, vencedor dos mouros.

Os cortezãos, porém, murmuravam e gesticulavam entre si, sorrindo com desdém.

Fernando, agradecendo submisso ao rei, principiou a cantar, voltado para a corte.

Era um homem baixo e grosso, de bigode preto, olhos pretos e cabelleira preta e luzidia annellando-se sobre a nuca até á golla do casaco. O seu ventre arredondava-se sobre as pernas curtas. Tinha uma cara risonha e feliz; mas ao cantar, poisado em meio do palco, com a mão espalmada no peito, todo elle estremezia, e, á passagem da voz, no seu pescoço branco e forte viam-se salientes e inchadas duas grossas veias azues.

Alvaro tentou o ultimo esforço. Logo que o tenor acabou de cantar, inclinou-se para fallar a Leonide.

— Leonide — principiou elle com uma voz dilacerada.

Ella voltou-se risonha. E, ás primeiras palavras de Alvaro, retirou-se para o fundo do camarote, sentando-se junto d'elle. Explicou-lhe então a sua recusa. Declarou-lhe que o estimava muito; mas que calculasse bem a sua posição...

Alvaro escutava-a, muito chegado a ella, sentindo o halito quente das suas palavras.

O visconde não era muito terno, — continuou ella — tinha ás vezes momentos de uma frieza aborrecida, mas havia tres annos que se conheciam, e nunca elle deixou de lhe satisfazer os seus pedidos. Nunca, nunca! Se o abandonasse, se o repellisse sem motivo, qual seria o seu futuro?...

— Encontraria outro homem que a estimasse tanto? — dizia ella com ternura baixando os olhos tímidos.

Alvaro respondeu logo:

— Eu, Leonide, eu.

E, segurando-lhe a mão, que ella abandonou um momento entre as suas, confessou-lhe toda a sua paixão, murmurando-lhe ao ouvido palavras de carinho.

Leonide, immovel e callada, ouvia-o sem olhar para elle.

O seu peito crescia, a sua bocca pequenina e fresca entreabria-se num sorriso de creança. De repente, levantando para Alvaro os seus olhos muito azues, disse-lhe baixinho que o amava. Alvaro beijou-lhe a mão a tremer; mas Leonide, como se o contacto d'aquelle beijo a despertasse, quiz desprender-se, dizendo-lhe que não, que estava louca, e pedindo-lhe que a esquecesse.

Alvaro prendia-lhe mais a mão, que tremia entre as suas como um passaro captivo.

Por accaso Leonide olhou para a orchestra; e, apurando-se de repente, segredou-lhe:

— *Voyez tout le monde nous regarde!*

E realmente, como tinha findado o ensaio, alguns muzicos olhavam para a frisa, sorrindo entre si.

Quando Alvaro se virou para elles, fixando um olhar provocador desviaram os olhos para o lado. Somente, um velho alto e secco, com bigode de soldado, que segurava o braço do rabeção, se conservou muito espantado, de pé, olhando atravez d'uns oculos, em cujos vidros claros a luz do gaz espetava dois pontos luminosos.

(Continúa.)

Alberto Braga.

EPIGRAMAS ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1865 — Junho 11 — Abre a grande exposição de feras de mr. Barnabó, junto ao *Salão Mayerbeer*, onde hoje está situado o theatro do Principe Real.

1870 — 12 — Estreia na praça do Campo de Sant'Anna, de Lisboa, do destro 1.º espada de Hespanha, D. Raphael Molina denominado *El Lagartijo*.

1868 — 13 — Primeira representação no theatro da Trindade de Lisboa da opera burlesca *Barba-Azul*, musica de Offenbach. Deu seguidamente mais de 100 representações.

1880 — 14 — Carta de lei que organisou a instrução secundaria.

1785 — 15 — Grandes festejos e illuminações no Rocio para celebrar a chegada da infanta D. Carlota Joaquina, desposada do principe D. João (depois rei).

No dia 18 houve no paço um grande baile de mascarar ao qual assistiram 900 convidados, sendo esse o primeiro baile de mascarar que se deu no paço real. A *Gazeta de Lisboa* d'esse tempo descreve estes festejos.

1834 — 16 — É dissolvido o batalhão de voluntarios academicos.

1828 — 17 — São condemnados á morte os es-

Janeiro. — N.º 55 *As raças historicas na Lusitania*, interessante estudo, em que parece querer refutar-se a opinião de Alexandre Herculano, quanto á não identidade da Lusitania e de Portugal. Ha muita coisa bem deduzida n'este livrinho, comquanto não acceitemos todos os seus argumentos.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL, n.º 4 de 1883 encerra varios artigos interessantes taes como a continuação do relativo á *Associação de soccoro e monte, pio geral da marinha*; *A classe dos fogueiros e chegadores da marinha de guerra* por J. Adrião; *Os satellites do planeta Marte*; *Batalha da Bocca do Tigre*; *Um navio de alto bordo portuguez, do seculo XVI armado com esporão*; *Por um trix (um episodio das viagens do vapor «Quilimane»)*; *Machinas, cujo motor é a polvora*.

AS EVASIVAS DO SR. CAMILLO CASTELLO BRANCO, por José Maria Rodrigues, estudante do segundo anno de theologia, preço 100 rs., Porto, na livraria de Ernesto Chardron, 1883. 8.º de 23 paginas. É uma resposta ao folheto do sr. Camillo intitulado a *Cavallaria da Sebenta* e é o 6.º da colleção dista polemica litteraria.

O POSITIVISMO, revista de philosophia, dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos—Porto Livraria Universal de Magalhães e Moniz, editores, 12, Largo dos Loyos: encerra os seguintes artigos: *A lenda de Dom João* por Theophilo Braga; a conclusão do artigo, *Methodos, methaphysica e positivismo—Hypothezes—Introdução e deducção*, por Julio de Mattos; *Hegemonia de Portugal na Peninsula*, por Horacio Ferrari; *A philosophia positiva como methodo e como doutrina*, por Teixeira de Bastos; *Tradições populares portuguezas (xiv Almas do outro mundo)* pelo sr. Consigliéri Pedrosa, continuação do trabalho do distincto professor do curso superior de letras a que por vezes nos temos referido.

LES MATINÉES ESPAGNOLES, continua a sair com regularidade este periodico de que temos presente os n.ºs 12, 13, 14, 15 de 18 e 27 de abril, 6 e 14 de maio encerrando a continuação das traducções do *Primo Bazilio*, e *Gran Galeoto*, e artigos sobre litteratura portugueza, correspondencia dos diversos paizes, visita de SS. M. M. a Hespanha, companhia dramatica portugueza; infelizmente traz um retrato muito mau do sr. Fontes, com um artigo relativo.



JOSÉ MARIA DA SILVA LEAL — Fallecido em 20 de Março de 1883

(Segundo uma photographia de Fillon)

tudantes da Universidade de Coimbra, accusados de terem assassinado os lentes da mesma universidade, proximo a Condeixa em 18 de março do referido anno.

Fôram justicados no dia 20. Um dos cabeças d'este crime foi o estudante Antonio Maria de Neves Carneiro que foi enforcado no dia 9 de julho de 1830.

1875 — 18 — Morre ás duas e meia tarde Antonio Feliciano de Castilho (1.º visconde de Castilho).

Falleceu na sua casa da Rua do Sol, ao Rato n.º 124.

1584 — 19 — Morre Francisco de Hollanda insigne illuminador, architecto, pintor e esculptor e desenhador da idade media.

Existe no Escorial um album das antiguidades da Italia, com illuminadores de F. de Hollanda, que é considerado como um dos mais valiosos primores d'arte que ali se encontram.

1722 — 20 — É degolado o bacharel Francisco José Ayres por ter sido um dos principaes reus do rancho da *Carqueja*, que se levantou em Coimbra em 1721 1722.

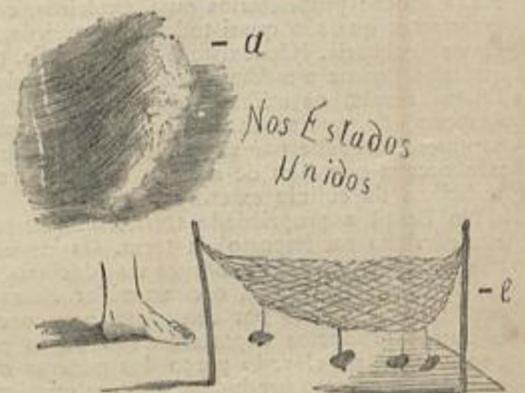
A sentença é de 18 do mesmo mez.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... *Tercio anno, setima serie* — 1883. *David Corazzi*, editor. *Empreza horas romanticas, premiada com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro*. Administracão: 40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil: 40, Rua da Quitanda, Rio de

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Barco parado não faz viagem.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6